

*OS ACASOS DO
COTIDIANO: A
MEMÓRIA NA
CRÔNICA DA
CIDADE, DE
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO*

*LES CHANCES
DU QUOTIDIEN :
MÉMOIRE DANS
LA CHRONIQUE
DE LA VILLE, DE
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO*

**Adriano Carvalho Viana¹
Walnice Vilalva
Rita de Cássia Oliveira**

1 Os autores: 1) Adriano Carvalho Viana é mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão, doutorando em Estudos Literários- UNEMAT, bolsista CAPES, e professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; 2)Walnice Vilalva é doutora em Teoria Literária, pela UNICAMP, com pós-doutorado pela USP, pesquisadora da Universidade do Estado de Mato Grosso; 3) Rita de Cássia Oliveira é pós-doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Professora do PPGFIL E PGLetras-UFMA.

RESUMO: No presente artigo, nos dedicaremos a uma investigação literária sobre o gênero crônica, perfilando uma ação que se dá por meio da memória, destacadamente na produção de Ignácio de Loyola Brandão (1936- atual). Por sua vez, no viés metodológico bibliográfico, recorreremos a Paul Ricoeur (1913-2005) em *Temps et récit II* (2010) para refletir sobre o ato *mnemônico* da ação que irrompe da *crônica* na imprensa e na vida social. Por uma abordagem literária, privilegiaremos questões estéticas propostas por Mikhaïl Bakhtin (1936-1975), em *Questões de literatura e estética* (2014), quanto ao cronotopo no âmbito *strictu* do texto, para entrelaçarmos a operação interpretativa e evidenciarmos a representação literária da linguagem na crônica. Abordaremos a categoria da memória que desempenha no processo da narrativa um papel preponderante porque organiza o passado num tempo que pode ser revisado pelo ato da recordação. E como objetivos recortamos: I) enumerar traços da crônica e II) constatar e analisar o caráter da memória. E é na crônica sobre a cidade de São Paulo, que evidenciaremos o conceito de memória como caminho e abertura para a compreensão de como a Literatura, como afirma Ricoeur (1984), “constitui-se num rico laboratório de compreensão das experiências humanas”. Nesse contexto, torna-se relevante destacar que Loyola Brandão é um dos cronistas que melhor dialoga com o pensamento ricoeuriano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura- Imprensa; Crônica; Loyola Brandão.

RÉSUMÉ: Dans cet article, nous nous consacrerons à une enquête littéraire sur le genre de la chronique, en décrivant une action qui se déroule à travers la mémoire, notamment dans la production d’Ignácio de Loyola Brandão (1936-actuel). Tour à tour, dans une perspective méthodologique bibliographique, nous nous sommes tournés vers Paul Ricoeur (1913-2005) dans *Temps et récit II* (2010) pour réfléchir sur l’acte mnémotechnique de l’action qui surgit de la chronique dans la presse et dans la vie sociale. À partir d’une approche littéraire, nous nous concentrerons sur les problématiques esthétiques proposées par Mikhaïl Bakhtine (1936-1975), dans *Questions de littérature et d’esthétique* (2014), concernant le chronotope dans le cadre strict du texte, pour entrelacer l’opération interprétative et mettre en évidence la représentation littéraire du langage en chronique. Nous aborderons la catégorie de la mémoire, qui joue un rôle prépondérant dans le processus narratif car elle organise le passé en un temps qui peut être revu à travers l’acte de se remémorer. Et comme objectifs nous avons choisi : I)

énumérer les traces de la chronique et II) vérifier et analyser le caractère de la mémoire. Et c'est dans la chronique de la ville de São Paulo que nous mettrons en lumière le concept de mémoire comme chemin et ouverture pour comprendre comment la Littérature, comme le dit Ricoeur (1984), « constitue un riche laboratoire de compréhension des expériences humaines ». Dans ce contexte, il est pertinent de souligner que Loyola Brandão est l'un des chroniqueurs qui dialogue le mieux avec la pensée ricoeurienne.

MOTS-CLÉS: Littérature - Presse; Chronique ; Loyola Brandão.

INTRODUÇÃO

Nesse presente artigo a nossa relação é interdisciplinar entre literatura e filosofia, sem perder de vista o caráter de ser apresentado para o módulo: *Literatura, imprensa e vida social*. O percurso é alternar a perspectiva que delinea as primeiras linhas da recepção da crônica no Brasil, como nossa hipótese. Aqui, o elemento mais recorrente e definidor é a coletânea de Ignácio de Loyola Brandão (1936 -atual), *Coleção Melhores Crônicas de Ignácio de Loyola Brandão* (2004), ressaltamos que Ignácio é imortal da Academia Brasileira de Letras e jornalista (não necessariamente nessa ordem), que durante muito tempo, veiculou-se semanalmente por suas crônicas ao jornal a *Folha de São Paulo*; atualmente, podemos encontrar suas obras na Editora Global, e no blog denominado *Global Blog*, cujo lema é: *um blog para quem ama literatura brasileira*. O nosso recorte, no entanto, adveio da periodicidade das publicações de 1993 e 2004, observando o papel de cronista e como continua a fazer parte da vida social, na bifurcação entre o jornalismo e a literatura; o processo de *refiguração* da leitura das crônicas de Loyola abre-

se numa retomada de confrontação entre o mundo do texto e o mundo do leitor; por essa dicotomia chegar-se-á à noção que é, a nossos olhos, a mais decisiva expressão: da experiência fictícia à memória da cidade. É nessa selva de pedra que grita (São Paulo) que constatamos a dimensão filosófica e a dimensão da teoria literária estabelecidas para a pertinência do conceito memorialista na mais exata correspondência possível entre a crônica e a realidade que ela imita. De uma maneira ou de outra, a crônica polemiza um tema e o apresenta como ficção e denúncia (Portão, 1976, p. 19). Cabe aqui demarcar que o romance/jornalístico fazia esse papel nos anos 1970 e o *nonfiction novel* norte americano, foram antecidos pelo romance de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias* (Quintella, 1977; Silva, 1987). Desse modo, a novidade e a particularidade da crônica preanunciam uma nova conquista de leitores, pois ao contexto da época esses textos reverberavam e tornavam mais inteligíveis à emergência de novo gênero. Antônio Cândido (1987) em *A nova narrativa e a Literatura e resistência*, de Ignácio de Loyola Brandão (1994), por exemplo, apontam como traços fundamentais o período da ligação da literatura com o jornalismo e a variedade das formas que tal ligação assumiu, passando pelo depoimento, pelo testemunho, pela mistura de gêneros e de estilos que interligaram essa correlação, como destaca Rildo Cosson (2007, p. 48):

No caso da ligação da literatura com o jornalismo, tema prioritário de Ignácio de Loyola Brandão, determina uma acentuada presença dos jornalistas-escritores no campo literário, também chamada de “migração jornalística” por alguns autores, esse fenômeno terá um papel importante na explicação do jornalismo literário.

Logo, a migração que a denúncia social na crônica urge, como por exemplo: Rubem Braga (1913-1990), em *Correio da Manhã* escrevia o *Sabiá da Crônica*, após a morte de Getúlio Vargas, foi preso, por razões de discordar do populismo do ex-presidente da República. Com isso, “nas derivas de uma literatura que se quer cada vez mais participante de nossa realidade, para poder colocar na transformação do real [...], num real social mais humano” (Cosson, 2007, p.53) é que a nossa investigação será aprofundada e, como a crônica legitima a historicidade de um dado individual ou de grupo social, pois é uma criação artística que faz da realidade realismo por meio da escrita criativa e imagética. O que nos propomos será compor e recompor a experiência de vida de um indivíduo, em relação a si e ao outro, na perspectiva da cidade e é na travessia mnemônica que a crônica de Ignácio de Loyola Brandão tem uma abordagem do alinhamento com a experiência *privada* e a complexidade histórica da Avenida Paulista. Ao que tange o recorte investigativo diegético, Paul Ricoeur (1913-2005) e Mikhail Bakhtin (1895-1975), esse último nos alicerçará no processo de cronotopo analítico e reflexivo, enquanto o primeiro fixará um caminho para a categoria de memória. A nossa saída será a memória, elemento legítimo de construção do mundo humano através das crônicas.

1.A RELAÇÃO DO O PASQUIM E A IMPRENSA BRASILEIRA E A TRAVESSIA PARA A EDITORA GLOBAL, DO IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.

Demarcamos que o gênero jornalístico encontrou seu campo em nosso país por meio da crônica. Salientamos a representação no *O Pasquim* (1969-1999), jornal brasileiro que

reivindicou um espaço único na imprensa e criticava o televisor como uma temível máquina de controlar os cérebros em alusão aos costumes, esse hebdomadário² constituía-se de alguns gêneros textuais, entre eles: a crônica. O jornalista Ignácio de Loyola Brandão da geração pós-64, por sua vez, encontrou nesse gênero a contemplação da sociedade e nessa inegável exigência surgiu a publicação da *Coleção Melhores Crônicas de Ignácio de Loyola Brandão*. Nessa coletânea reuniu-se crônicas entre 1993 e 2004 publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, a partir dela defendemos o Loyola Brandão como: *o cronista da cidade*, pois observa a sociedade burguesa paulistana e os seus usos e costumes; ao fixar o seu olhar no subsolo de um “olhar armado”. Nessa organização linear, *O Pasquim* publicou inclusive uma edição de Ignácio de Loyola Brandão, a obra *Não Verás País Nenhum* (1981). Lançou também uma nota assinada por Ziraldo na edição de 1975 sobre a obra *Zero* de Loyola, em que definia: o Ignácio de Loyola como: “não o santo, mas o outro”, como veremos abaixo na imagem.



(O Pasquim (RJ)-1975)

2 Semanário; jornal ou periódico cuja publicação ocorre uma vez por semana.

E é nessa perspectiva que nos defrontamos com a crônica de Loyola que se deu num horizonte de uma nova narrativa construída de processos urbanos. E a circulação de seus escritos nos *tabloides* reconhecidos no país, nessa esteira da relação (*O Pasquim* e o Loyola) que se deu o pacto de reconhecimento em Loyola Brandão, na marca do gênero crônica urbana e memorialista e “o prazer de se achar numa multidão (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1994, p. 54). Ignácio L. Brandão poderia ser definido com o *flâneur*³ da crônica urbana brasileira.

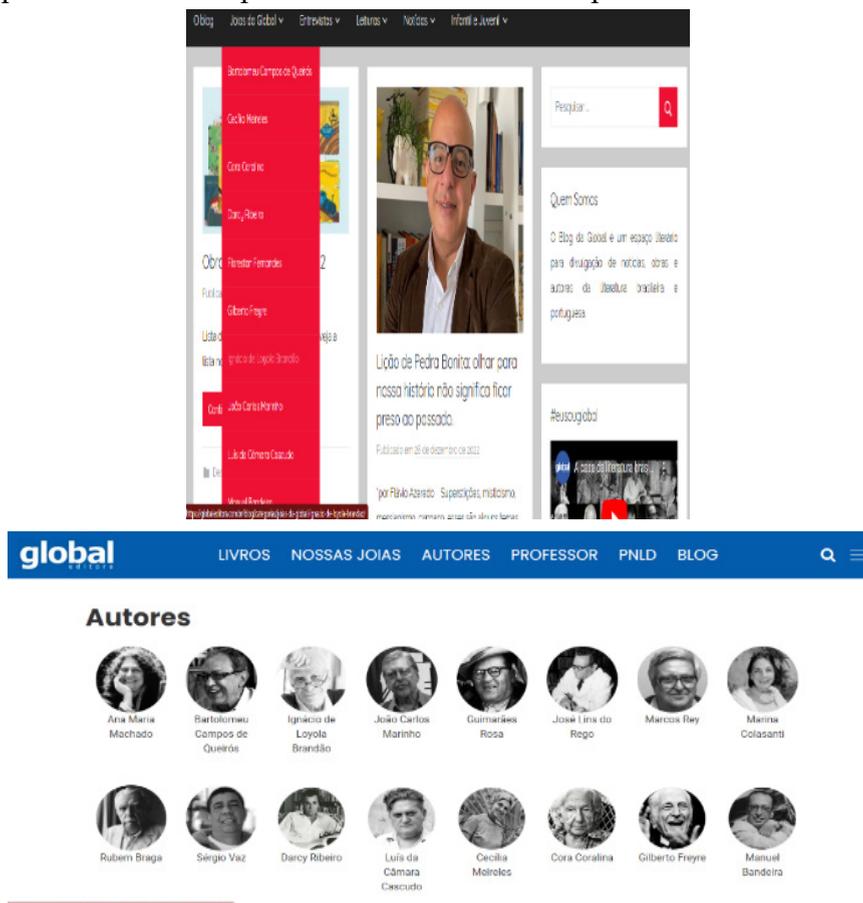
Loyola optou por uma escrita diferenciada em que a figura de linguagem, a ironia, na tessitura do seu texto, é marca registrada. A cidade e a memória são simplesmente o recordar, conjugado com a ironia tornam-se a sua base, paradoxalmente exclama Loyola: “*Veja lá! São Paulo é uma cidade sedutora por sua enlouquecida diversidade*”. Por sua vez, a sua crítica social é a cidade e as palavras que envelhecem; a denúncia implícita do seu processo de criação imagético apropria as lembranças, ele, ao confrontar o cotidiano jornalístico levou-se à recepção das crônicas embrionárias para ideias que se transformaram mais tarde em romances. Em anotações do diário de bordo, que Loyola manteve enquanto escrevia *Não verás país nenhum*, e disponibilizou ao escritor desse artigo, aponta: “transparece a invasão da imaginação sobre a realidade” nas crônicas loyolianas.

A travessia que lembramos aqui os apontamentos de Loyola em seu diário de bordo em que recorda a sua ida para a Editora Global, cumpre ressaltar que é nas crônicas que nos deparamos com a aproximação da literatura e o processo de criação de Loyola no ato de ser cronista do cotidiano, essa editora abriu os caminhos

³ É aquele que caminha pela cidade e experimenta o desabrochar das suas constantes transformações.

para Loyola e aos seus delírios, entre eles, o da imaginação que é o mais marcante. E é na badalada vida social paulistana que suas crônicas incorporam-se na identidade de hipóteses e transformações que flertam o real e o imaginário social da capital dos sonhos e das ilusões.

Abaixo, o site da Global Editora e os autores renomados que publicam nesse imponente tabloide brasileiro paulistano.



(Imagens printadas da *Editora Global*)

1.1 A RECEPÇÃO JORNALÍSTICA: AO LADO DAS CRÔNICAS, AS MEMÓRIAS A (NÃO) CIDADE.

Na presença da denúncia social que as *crônicas* de Loyola Brandão associam-se à urbanidade da cidade *paulistana* - o cronista Loyola, concilia a veracidade dos fatos com a imaginação na crônica, *ressaltamos* uma recepção interdisciplinar entre o jornalismo e a literatura; nesse escopo autores como Aguinaldo Silva e José Louzeiro têm a recepção de seus textos no romance/jornalístico, por sua vez, na crônica temos o Rubem Braga e o João do Rio; e nesse diapasão entre o jornalismo e a criação literária que buscamos conciliar a objetividade jornalística com a subjetividade da crônica e a recepção do jornalismo com,

[...] a literatura nesse período passa a ser um terreno explorado por muitos escritores, o jornalismo que já mantinha uma íntima relação com o literário, dilui ainda mais suas fronteiras. Jornalistas, tal qual Ignácio Loyola Brandão, transitaram entre esses dois “mundos” de forma magistral, encontrando no espaço ficcional as possibilidades de continuar escrevendo, comunicando e transfigurando o real, pois, a literatura, nas palavras do próprio escritor “[...] ajudou a driblar o amordaçamento e o silêncio. [...] Nós estamos aqui para contar histórias. Não se pode esquecer que literatura é também contar histórias”. (Brandão apud Naxara; Vieira, 2011, p. 213)

Nesse cenário, a Crônica do *Fascínio por monstregos*, publicada originalmente com o título (*Por que odeiam a Avenida Paulista?*), conceitua o *Não Lugar* da Cidade na crônica de Ignácio de Loyola Brandão. Aqui, nos apoiaremos numa leitura do campo literário e filosófico. Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa II (Temps et récit II)*, descreve que a narrativa é sempre constituída em si

de uma trama que perpassa seus diversos episódios e, além de ligá-los entre si, os coloca em relação com o enredo mais amplo, daí resultando uma totalidade significativa.

Todavia, esta trama que se estabelece para cada narrativa específica, seja ela qual for, parte antes de mais nada de materiais que já se encontram configurados previamente na própria língua. Já se encontram na própria estrutura e materiais da língua todas as possibilidades narrativas, embora seja tarefa do falante ou do produtor de discursos selecioná-las e individualizá-las através de uma ação humana e de novos elementos que irão singularizar cada narrativa como única. Previamente a qualquer discurso narrativo que irá tomar forma, já existe na língua uma complexa e heterogênea “rede conceitual” que já traz dentro de si seus potenciais narrativos (Ricoeur irá chamá-los de “configurações pré-narrativas da ação”). “E a estilística e a filosofia encontram-se, basicamente, diante de um dilema: ou reconhecer os gêneros (e, por conseguinte, a prosa literária que gravita em torno dele) como um gênero literário ou pseudoliterário” (BAKHTIN, 1993, p.78), ou então rever de maneira radical toda a concepção do discurso poético que está na base da estilística tradicional e que determina todas as suas categorias, com base da exigência de que a crônica deva conter a plenitude das linguagens sociais da época, encontra-se uma percepção correta da essência do plurilinguismo da crônica.

Toda linguagem só se revela em sua originalidade quando é correlacionada a todas as outras línguas integradas numa mesma unidade contraditória do devir social. Na crônica, a linguagem escrita é um ponto de vista, uma perspectiva socioideológicas dos grupos reais e dos seus representantes personificados de

maneira a “representar” em sua estrutura uma forma simples de fácil compreensão do leitor. Daí a insistência de Ricoeur (1984) na explicação do texto como momento indispensável do processo de interpretação, entendendo-a como análise de sua estrutura; conhecer e revelar essa estrutura propicia uma melhor compreensão do texto, uma elucidação maior de qual seja o mundo que ela configura e propõe – quanto mais clara ficar a estruturação dos elementos que constituem uma obra literária em suas relações internas, mais rico vai ser o mundo projetado por ela e habitado pelo leitor, melhor será a compreensão que este terá do texto.

Conforme Aristóteles, a narrativa é o princípio e, por assim dizer, a alma da tragédia, da epopeia e da comédia (acreditamos que do romance também) e nesse caso a crônica, enquanto o caráter moral pode ser um traço secundário: “algo semelhante é válido na arte do desenho e da pintura: se um artista cobrir uma superfície de mais belas cores, porém o fazendo casualmente, nos proporcionará menos prazer do que mediante uma imagem bem traçada, num desenho sem pintura” (ARISTÓTELES, 2011, p.52). Assim, o filósofo prossegue:

Narrativas bem arquitetadas não devem nem começar nem findar num ponto fortuito, devendo sim adotar as ideias gerais estabelecidas, um todo é aquilo que possui começo, meio e fim. Um começo é aquilo que não se segue necessariamente a alguma outra coisa, mas a partir do qual naturalmente outra coisa se produz. Um fim é o oposto, ou seja, aquilo que se produz naturalmente quer de maneira necessária, quer de maneira usual, depois de uma outra coisa, mas que não é seguido pela ocorrência de coisa alguma. O meio é aquilo que tanto se segue a uma outra coisa quanto é seguido por uma outra coisa. Portanto, narrativas seguem modelos, para

que se possa possibilitar transformação da sucessão.

O caminho para além de Aristóteles será longo. Não podemos definir que a narrativa se relaciona com o tempo, sem antes ter formulada, em toda a sua amplitude, a questão da referência cruzada entre a experiência temporal real do autor e do leitor e a experiência temporal dos personagens da narrativa de ficção. O conceito de referência cruzada já aparece na *Poética*, quando Aristóteles ensina sobre a atividade mimética, não será nosso foco nesse artigo. No entanto, cumpre formular essa exigência de outro modo: na crônica, devem ser representadas todas as vozes socioideológico da época, ou seja, todas as linguagens, qualquer que seja a sua importância, pois a crônica deve ser o microcosmo do plurilinguismo e é nela, o *Fascínio por monstrenhos*, de Loyola Brandão, que encontraremos as seqüências concatenadas para reforçar nossa teoria, definiremos por siglas: São Paulo (S) partes retiradas da crônica e Cidade (C).

S: 1. Carros que param sobre a faixa de pedestres.

PS: Além da irritação, minha amargura vem do fato de que minha gata Nina, mestiça siamesa, caiu do apartamento e morreu na porta da garagem do prédio e ia fazer sete meses. Não tive coragem de vê-la.

2. Carros que estacionam sobre as calçadas. Feiras aos sábados.

3. Bares vendendo cafezinho de quinta em xícaras imundas.

4. Terrenos baldios, sem muros, cheios de lixo, andando pela rua, pedestres em meio ao trânsito.

Fonte: Brandão ().

C: O mundo de tampões de ferro escondendo buracos nas ruas e que, soltos pelo movimento contínuo, provocam o maior barulho.

Fonte: Brandão ().

Nessa pequena análise se dará no recorte do *corpus* literário em que essa crônica-poesia é organizada por um jogo de analogias e oposições no qual o texto é construído, na pluralidade de formas em que o enunciado é o deslocamento do cronotopo para situar o plurilinguismo. Vemos nas citações acima, dados em que a informação e a comunicação constituem um momento histórico pelo jogo de palavras, jogo esse fixado no espaço-tempo, percebemos que Loyola, percorreu o caminho de conhecer bem a velha São Paulo e a nova em transformação.

Logo, a categoria de cronotopo na obra bakhtiniana é a imagem artístico-literária que delimita o que é estático-espacial, porém não deve ser descrito de modo algum estático, mas deve ser incluso num modo de série e tempo, citamos por exemplo: “a beleza de Helena não é descrita por Homero, é mostrada, porém seu efeito nos velhos troianos, efeito este que é revelado numa série de movimentos e ações dos velhos” (BAKHTIN, 2014, p. 356), como dissemos, é a estruturação entre o mundo real representante e o mundo real representado pela crônica como pano de fundo, se estabelece a marcação de Loyola na crônica: uma São Paulo, dantes bela que se esvai, sua visão num contraste com a cidade, o organismo vivo e a função histórico-social; nesse processo de criação, a percepção criativa refigurará o cronotopo por si, envolvendo o mundo social que se desenvolve historicamente no viés da crônica, por outro lado, sem se separar o espaço histórico em mutação, “pode-se mesmo falar

de um cronotopo criativo particular, no qual ocorre essa troca da obra com a vida e se realiza a vida particular de uma obra”. (BAKHTIN, 2014, p. 359)

I-Abaixo, colocamos uma imagem para ilustrar a velha São Paulo.



Guilherme Gaensly. Avenida Paulista, c. 1905. São Paulo, SP / Acervo IMS

CONCLUSÃO

Compreendida essa relação entre a crônica, a *imprensa e a vida social*, no percurso da categoria da memória Paul Ricoeur, em *Temps et récit II*, se destacou. Por outro lado, Bakhtin, demarcou em torno do cronotopo, em *Questões de Literatura e Estética*. Nessa interlocução complementar, ambos foram elementares; noutro ângulo, a crônica da cidade de São Paulo, o Ignácio de Loyola Brandão aludiu aos questionamos fundamentais na reflexão e vincula a circulação da imprensa brasileira a uma *Selva*

de Pedra que grita. Cumpre salientar, por fim, que esse estudo teve como método adotado à análise bibliográfica, assim como o ensaio crítico da crônica de Loyola e como o autor sacralizou-se na imprensa brasileira, se pontificando, como o escritor da crônica paulistana e o lugar da sua obra na vida social paulistana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *Poétique*, texto estabelecido e traduzido para o francês por J. Hardy, Paris, Les Belles Lettres, 1969.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética* (A Teoria do Romance). Editora UNESP- São Paulo, 2014.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Literatura e resistência*. In: SOSNOWWKSKI, Saul; SWARTZ, Jorge (org.). Brasil: o trânsito da memória: São Paulo: Edusp, 1994.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Coleção melhores crônicas*, São Paulo: Global, 2004.

CANDIDO, Antônio. *A nova narrativa*. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa I*- Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.